

Minhas ressalvas aos Padrões de Westminster

APRESENTEI este documento ao Presbitério da Flórida Central, a pedido deste, quando entrei nele em 2000. Visto que meus estudantes estão frequentemente preocupados em passar nos exames teológicos em vários presbitérios, com frequência solicitam dar uma olhada neste documento. De fato, penso que este é o texto mais requisitado que já escrevi.

As crenças doutrinárias de John Frame

Subscrevo *ex animo* à CFW, CMW e BCW,¹ com as seguintes exceções:

CFW 7.4: Não creio que o pacto da graça seja “frequentemente” apresentado na Escritura “pelo nome de um testamento”. A única passagem na qual tal tradução é possível é Hebreus 9.16-17, e mesmo ali a referência à “morte do testador” poderia se referir à ramificação de um pacto por sacrifício como em Gênesis 15; 1 Coríntios 11.15; veja Hebreus 9.19-22.

CFW 21.8, CMW 117, BCW 60: Não creio que a Escritura exija no Sabbath um descanso de “palavras e pensamentos a respeito de seus empregos seculares e de suas recreações”. Antes, creio que o Sabbath é um tempo de consagrar nossas atividades mundanas a Deus e buscar formas mais piedosas de praticá-las. Dessa forma, deveríamos estar pensando e falando sobre nossos empregos seculares e recreações. O CMW 119 fala sobre pensamentos *desnecessários* sobre essas coisas, e essa é uma formulação melhor, na minha opinião.

Creio também que a Escritura prescreve o *descanso* como um aspecto importante da observância do Sabbath, e que tal descanso inclui recreações que não exijam que outros trabalhem (e.g., conversar ao longo de uma caminhada, brincar de bola com seu filho). Essas não devem substituir a adoração ou tirá-la de seu papel central neste dia.

CMW 3: O catecismo parece definir aqui “Palavra de Deus” como Escritura. A própria Escritura ensina, contudo, que há outras palavras de Deus: as declarações de Deus na criação e providência, as palavras dos profetas, apóstolos e Jesus não escritas na Escritura, e Jesus mesmo

¹ Confissão de fé de Westminster (CFW), Catecismo maior de Westminster (CMW) e Breve catecismo de Westminster (BCW).

como a Palavra de Deus viva. A Escritura é a Palavra de Deus, suficiente para a nossa fé e vida, mas ela não é toda a Palavra de Deus.

CMW 47: Não creio que na Escritura “Filho de Deus” descreva primariamente o estado de humilhação de Jesus.

CMW 109, proíbe “o fazer qualquer representação de Deus, de todas ou qualquer das três pessoas, quer interiormente em nossa mente, quer exteriormente em qualquer forma de imagem ou semelhança de criatura alguma”. Tomada literalmente, essa linguagem proibiria até mesmo um símbolo de Deus, tal como o diagrama de “dois círculos” de Van Til, representando o Criador e a criatura. Não creio que o segundo mandamento proíba esse tipo de simbolização. E se o catecismo pretende proibir imagens de Deus, até mesmo mentais, penso que foi além do que o segundo mandamento ensina. A própria Escritura nos dá uma narrativa do Jesus encarnado que torna psicologicamente impossível para a maioria das pessoas evitar formar imagens mentais de Jesus. Creio que o segundo mandamento proíba fazer imagens para o propósito se de prostrar diante delas, não representações em geral.

CMW 158: Se essa fórmula significa que ninguém pode pregar a Palavra, exceto oficiais ordenados da igreja, então em meu julgamento o catecismo vai longe demais. Se tal princípio fosse tomado literalmente, então ninguém poderia pregar como parte de seu treinamento ou preparação para o ministério. (Ou, alternativamente, seríamos forçados a estabelecer uma rígida divisão entre “pregação”, “ensino”, “exortação”, etc., além do permitido pela Escritura.) Eu preferiria dizer que ninguém pode pregar num culto público sem a aprovação dos presbíteros da igreja.

CMW 169: Embora creia que o catecismo oferece um conselho sábio aqui, não creio que possa ser provado a partir da Escritura que somente “os ministros da Palavra” podem administrar a Ceia do Senhor.

CMW 171, BCW 97: Certamente é bom para aqueles que estejam se preparando para a Ceia do Senhor que se examinem dessas formas, mas não penso que os adoradores deveriam ser sobrecarregados com uma *obrigação* de se examinarem em cada uma dessas formas particulares distintas. Tal obrigação não tem base bíblica. A exortação para o autoexame antes da Ceia do Senhor em 1 Coríntios 11, creio, tem um

foco mais limitado, a saber, os tipos de pecados específicos que Paulo repreende naquela passagem.

CMW 177: Não estou persuadido da última cláusula e, portanto, sou de certa forma inclinado a uma posição de pedocomunhão, embora aceite a prática presbiteriana prevalecente.

BCW 31: Com John Murray, sustento que o autor do chamado eficaz é Deus o Pai, e não o Espírito Santo. O catecismo, contudo, define o chamado eficaz de uma forma bem ampla para incluir elementos que geralmente associamos com a regeneração. Visto que a regeneração é distintivamente uma obra do Espírito Santo, é compreensível que o catecismo associe o chamado eficaz com o Espírito.

Fonte: *John Frame's selected shorter writings*, volume 2, pp. 365-367.